TRASGO
FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

GENTE DE POUCA FÉ

Érica Bombardi

TRASGO

COPIE ESTE ZINE!

Este livro pode ser reproduzido, distribuído e copiado à vontade, desde que de maneira gratuita. Baixe um pdf em alta qualidade para impressão no site da Trasgo.
Proibida a edição ou impressão para venda sem autorização da Revista Trasgo.

Texto: Érica Bombardi
Ilustração de Capa: Camila de Oliveira
Revisão: Fernanda Castro

Equipe da Trasgo
Editor-chefe: Rodrigo van Kampen
Editor: Lucas Ferraz
Editor: Sol Coelho

http://trasgo.com.br

GENTE DE POUCA FÉ

Érica Bombardi

TRASGO
FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

Gente de pouca fé

ÉRICA BOMBARDI

Agora eu me deito para dormir.
Oro a Deus para minha alma guardar.
Se eu morrer antes de acordar,
Oro a Deus para a minha alma levar.
[oração infantil e Enter Sandman, Metallica]

Ali, no centro, o ar cheira a lixo. Saindo do viaduto, começa o muro da antiga estação ferroviária. Um país tão grande e nenhuma linha de trem decente. Burrice. Mas já está quase se acostumando. Afinal, há muita burrice no mundo.

Seus passos no chão molhado não fazem barulho, nem movimentam a água empoçada. A noite está fria. Ninguém nas ruas. Quase ninguém. Há quem espere por desconhecidos. Carros deslizam pelo asfalto, parando em freadas bruscas.

João Pedro arruma o gorro e a gola de seu sobretudo. Não tem nada mais irritante do que a sensação da água descendo pelo pescoço.

– Quer se divertir?

A mulher passa muito perto e esbarra nele. Helena. Inevitável saber o nome. Helena, "raio de sol". Ele tem essa mania. Sabe que seu nome, por exemplo, João Pedro, é "rocha protegida por Deus".

Ele desvia dela, mas a mulher o segue. Como ondas quebrando em rochas, a violência do aroma adocicado que dela vinha o atinge. E isso o lembra, sem motivo, que papoulas, apesar de serem belas flores, não tem cheiro

algum.

– Hoje tem desconto pra imbecil. – A voz feminina traz traços de irritação e raspas de nicotina.

João Pedro não responde, apressa o passo. Não que seja algum santo, mas sabe pelo timbre de voz que ela não é o tipo dele.

A mulher resmunga algo inaudível, mas ele escuta o palavrão. Sua audição é melhor agora, melhor ainda do que antes, quando era vivo e cego. A grande surpresa foi continuar a ser cego, mesmo depois de não estar mais vivo.

Mas ele tem uma missão. E a missão lhe deu um novo propósito, sentidos aguçados e um algo a mais.

Atravessa a rua, desviando-se de um carro de ronco sofisticado.

– Olha por onde anda, seu marginal – a voz sai de dentro do carro.

– Você deveria... – João Pedro sussurra para si mesmo, divertindo-se enquanto escuta o carro derrapar e bater. Privilégios de sua missão e do "algo a mais".

Caminha alguns minutos antes de virar naquela ruela. Para na frente de um prédio velho. Pelo som que vaza para fora, sabe que a janela do primeiro andar está aberta. Uma chuva fina e gelada recomeça a cair.

O portão de ferro de folhas duplas está apenas encostado. Sobe o pequeno lance de escadas para o primeiro andar e para na frente da porta do apartamento treze. Aguarda alguns instantes. Faz o sinal da cruz e gira a maçaneta, que, sem rangido nem resistência, permite a sua entrada.

A chegada dele não parece causar reação alguma. O apartamento está abarrotado de todo tipo de cheiro; em sua maioria, sabonete e gente idosa. Conversam e mastigam tentando manter alguma discrição, sem nenhum sucesso. Talvez estejam mais surdos do que imaginam. Um cego entre

surdos, ri João Pedro, jogando o capuz para trás, deixando à mostra seu rosto e os óculos escuros.

– Impadinha? – uma velha o aborda. Luísa. "Guerreira gloriosa." Bem, os dias de glória dela certamente já haviam passado.

– Não. – Tenta desviar, mas não encontra espaço suficiente entre visitantes e móveis.

– Parente ou amigo? – A velha não ia desistir. – É irmão do primo do Zé ou cunhado da Ditinha?

– Sou, sim. – Olha na direção da mulher sem realmente vê-la. Antecipando um longo diálogo, tenta o xeque-mate. – A senhora tem quiche? – Soa o mais agradável que pode.

– Quirchi? Ô si tem. – E sai apressada na direção do que seria a cozinha.

João Pedro vai até o fundo do apartamento.

Pode sentir a proximidade de seu alvo. Com cuidado, coloca a mão na beirada do caixão. Aproxima-se da parte superior do esquife e sente o suave odor de decomposição em meio à lavanda. Coloca o dedo na testa dela e um nome brilha em sua mente. Maria. O nome dela é Maria. Significa "pureza".

– Boa noite, minha querida.

– Ei! – uma voz aguda o surpreende, então ele sente o inconfundível aroma de chiclete. Uma menina está sentada na poltrona ao lado do caixão.

– Desculpe, eu não te vi. – João está desconcertado, mas não tanto a ponto de deixar de fazer sua piada pessoal favorita.

– Você é bem alto!

– Pode pegar uma coisa pra mim na cozinha? – Sem paciência, resolve tentar o mesmo golpe, só que infinitamente menos elaborado e soando tão amigável quanto unhas riscando o quadro-negro.

– Por quê?

– Por que o quê?

– Você é alto e mal-educado – a menina afirma com a certeza inerente às crianças.

– Ninguém te ensinou a não falar com estranhos? – A impertinência da menina lhe lembra uma antiga namorada.

– Você não é estranho. É um fracote.

– O quê?

– O que o quê?

– Vá, vá, vá brincar com alguém da sua idade.

– Ela morreu hoje cedo...

– ...

– ...

– Sua avó era uma pessoa muito boa.

– É.

– Escute, pirralha, eu...

– Bobo, bobo, bobo! – A menina pula da poltrona e sai correndo, passando por entre as pessoas sem que ninguém fale com ela, como se ninguém se importasse ou sequer a notasse. Mas, para ele, o rastro que ela deixa é o de bolo com sorvete.

Em um misto de alívio e irritação, volta sua atenção para o corpo no esquife.

Com um gesto da mão, o tempo parece ficar mais esticado e amortecido. Abaixa os óculos. Fixa seus olhos vazios nos fechados da morta. Pronuncia algumas palavras e curva-se como se fosse beijá-la.

– Venha, Maria.

Os olhos da morta se abrem; não como se ela quisesse, mas como se algo forçasse a passagem. Deles escapa uma espécie de névoa dourada que se junta até formar um minúsculo globo brilhante, qual vaga-lume, e que migra para dentro das órbitas vazias dele. Os olhos da morta se fecham pela derradeira vez, e os dele são agora brilhantes.

João beija a testa da mulher morta. Recoloca os óculos no lugar. As lentes escuras mal conseguem disfarçar a luminosidade em seus olhos.

Fica de costas para o caixão e, com outro gesto da mão, o tempo volta ao ritmo normal.

– Bem a tempo.

– Tempo do quê? – A senhora que o abordara antes.

– Nada.

– Pegue. É de queijo. – A mulher quase enfia o pastel no rosto dele.

Achando melhor aceitar, agradece e sai. Com passos rápidos, desvia dos velhos amontoados, largando o pastel na mão de um deles, e escapa pela porta. Desce os degraus com um salto e para no minúsculo saguão do prédio. A chuva continua, e ele tem vontade de fumar. Procura um cigarro no bolso, mas o pacote está úmido e vazio. Decepcionado, joga no chão.

– Lugar de lixo é no lixo. – A menina, amuada contra uma das paredes. Sua voz é melosa.

– Tá. – Ele se arrepende de ter parado ali e se irrita por, de novo, não ter sentido o aroma, bala de iogurte de morango.

– Eu pego. – Ela corre. Joga no lixo o pacote amassado do chão.

– Vá para dentro antes que alguém note sua falta. – A chuva forte lá fora, ele decide esperar um pouco até passar. Nada mais irritante do que ficar com a roupa ensopada.

A menina suspira alto, como se estivesse cansada. João Pedro morde os lábios, não sabe o nome dela. Qual combinaria com aquela personalidade explosiva? Balança a cabeça e então escuta, escuta nada, silêncio. A chuva cessou, nem uma gota, nem mais um reboar de trovão.

– Não me siga – ele não consegue evitar dizer para ela. E sai.

Caminha algumas quadras até entrar em um boteco mal iluminado.

– Hum? – de trás do balcão do bar, o barman ruge.

João Pedro escuta passos curtos e percebe que a menina está ali, e ela corre para o fundo do bar. Ia gritar algo para ela, mas sente o bafo do barman.

– Não te mataria escovar os dentes de vez em quando. – João Pedro não tem ideia de como tanto fedor pode ser exalado de tão mínimos resmungos.

– Hum. – O balconista continua a lustrar os copos. Seus movimentos lentos, pesados e harmoniosos como os de um T-Rex tentando subir as escadas do porão.

– Ou uma bala de menta. – João Pedro vai para o fundo do bar. Nunca soube o nome do barman por não ter a mínima vontade de prolongar nenhuma de suas conversas.

– Que bom que chegou. Já estava ficando preocupado – um rapaz diz. Cabelos compridos que roçam os ombros e as costas, em um sutil som, como o das folhas de uma árvore. O leve movimento agita o ar, trazendo até João Pedro o aroma do vinho que o outro bebe e também algo a mais, que pode ser sua essência etérea ou a marca de seu shampoo. De toda forma, é mais informação do que gostaria. – Trouxe visita?

Gadreel. "Deus é meu ajudante."

– Ela me seguiu. – Ele percebe que a menina se senta perto de Gadreel.

– Ainda andarilho?

– Quantos cegos você conhece que dirigem?

– Uns quatro. – Gadreel diz.

– Vamos logo. Quero ir embora desse buraco.

– Mais respeito, olhe a mocinha aqui. E, pra sua informação, essa cidade quase foi a capital do Estado. Culpa da epidemia de febre amarela na década de...

– Aham.

– Vocês... Poderiam ter mais respeito pela história, pelos livros, por biblio...

– Tá, Gadreel. Pegue e vá embora, já é quase dia.

João Pedro se inclina e beija Gadreel. A luz que estava em seus olhos sai por sua boca e vai para dentro da boca do anjo.

– Agora ela vai ficar bem? – a menina pergunta a Gadreel.

– Não tem com o que se preocupar. E, você, Pedro, está ficando cada vez melhor nisso.

– Manda um recado pro Miguel. Esse foi o último.

– O último será o último.

– O que você disse? – João Pedro pergunta.

Gadreel dá de ombros.

João Pedro o agarra pelo pulso. Não tinha ido a todas as missas de domingo, mas havia estudado em um colégio católico. Sabia o mínimo a respeito das coisas de Deus.

– O que você disse? – João Pedro repete.

Antes que possa perguntar mais, sente o movimento, o ar se deslocando e a dor em sua mão, o barulho de cristal espatifado, os cacos em sua carne.

Pula e consegue se afastar da mesa. Não sem antes sentir o toque do resvalar de uma pequena mão contra a sua. O toque, o mínimo toque, e ele soube seu nome. A menina o tocou. Ou o que era antes uma menina. Ananiel. Ananiel significa "chuva do Senhor".

– Sua besta... – Ananiel recrimina Gadreel.

– O que eu disse de errado?

– Os primeiros! Os últimos serão os primeiros! – Ananiel cospe as palavras como se estivesse em um navio pirata, ao mesmo tempo em que ainda emana um aroma tão inocente quanto algodão-doce.

Gadreel bate na própria testa.

– O diabo mora nos detalhes – João Pedro diz, encostado no balcão do bar. As mãos tateiam o balcão em busca de uma garrafa, um picador de gelo, uma colherzinha de café que seja, qualquer coisa que possa enfiar na testa de Ananiel. Odeia ser feito de idiota.

– E também neste bar... e na avenida Brasil, e num casarão na reserva ecológica do Sahy. O diabo mora em tantos lugares, pequeno João, que você não tem ideia – Gadreel diz.

João sente o bafo de ralo antes de perceber a mão gigante fincada em seu ombro, que o puxa para trás, imobilizando-o de encontro ao que mais parece ser uma parede do que o tórax do barman que pressiona uma lâmina em seu pescoço.

– Ele tem ideia, seu imbecil. Por isso ele é tão cuidadoso, evita qualquer estranho e confia apenas em você! – Ananiel fica de pé no banco e depois na mesa. Ela coça a cabeça com força. Muita força. João sente cheiro de algo queimando, como bacon torrando na frigideira.

A lâmina não pressiona mais tanto seu pescoço. João se aproveita desse momento e, com o cotovelo, num movimento para o alto, golpeia o barman no nariz, livrando-se da ameaça. Respira fundo, sentindo os aromas, os sons, visualizando em sua mente a posição de cada um ali, a menina, Ananiel, em cima da mesa, Gadreel ainda sentado e o barman agora no assoalho atrás do balcão. Esse último, ele sentiria a quilômetros de distância. Apesar do cenário desfavorável, e de tantas possibilidades nefastas no horizonte, apenas um pensamento o preocupa.

– Vou recuperar a alma e... – João Pedro começa a dizer.

– Vai entregar para o Gadreel? – É a voz de Ananiel, borbulhante como um sorriso de criança. – Como tem feito desde o pacto para sair do limbo?

– Não... não é pos... – Se João havia se sentido um idiota antes, agora está no fundo idiota de um idiota poço de idiotas.

Ananiel, a doce menina, não cheira mais como brigadeiros e beijinhos, mas sim a enxofre, e as mãos dela em volta do pescoço de João Pedro. Unhas afiadas. Não tem ideia de como ela chegou ali tão depressa, nem de como ela está cara a cara com ele, a despeito da diferença de altura.

– É, sim. E tava tudo indo às mil maravilhas até Gadreel dar com as línguas nos dentes.

Gadreel ri, e João Pedro escuta um barulho muito parecido com um silvo de cobra. Não se importa muito com o plural em "línguas", já que toda sua atenção está focada nas unhas afiadas em seu pescoço.

– O negócio ainda está de pé, amigo. Você continua a pegar as almas e entregar pra gente.

Pedro bufa. As unhas se fincam mais em sua pele, ele sente um fio de sangue brotando e correndo por baixo de sua camisa. Odeia a sensação de umidade. Odeia mais por ser seu sangue o causador da umidade.

– Vocês vão me salvar, é isso?

– E você acha que se sairia como no julgamento final? – Gadreel se move para perto de João, os pés pesados se arrastando no chão, e mais algo, um som contínuo, um rabo?

– Vocês me enganaram, pensei que fossem anjos, eu vou...

João sente o deslocamento do próprio corpo no ar, suas costas batendo na parede atrás da mesa em que estavam poucos minutos antes.

– Não tenho paciência pra essa merda – Ananiel diz.

– Cara, se enxerga! Você atrai uma criança pra um bar... era um podre quando tava vivo, dava em cima até de sua sobrinha... de doze anos! Nem sei como você conseguiu ficar no limbo, nem sei como não te jogaram pra gente desde

o início – Gadreel diz e depois completa, pausadamente: – E nós somos anjos. – Depois ele assobia, chamando a atenção de João. – Então... não vamos oferecer muito mais do que isso, amigo: andar entre os mortais, fazer uma ou outra maldade, tomar uma ou outra nesse magnífico bar.

O barman tosse em algum canto atrás do balcão. Ele já se recuperou da cotovelada.

– Não fica melhor que isso – Gadreel resmunga.

– Tem sempre a outra opção – Ananiel diz.

– Que outra opção? – João pergunta.

– Ser ajudante do Bernardo.

O barman pigarreia. Bernardo. "Forte como urso." João Pedro não tem ideia de qual nome poderia significar "bafo do inferno".

Antes de concordar com o que pedem, João tem um momento de epifania. E se os anjos, os do tipo certo, realmente o vissem ali, e tivessem piedade dele... havia sido enganado, havia feito tudo aquilo querendo o bem das almas. A intenção, sua intenção era boa. Alguém pode errar tendo boa intenção, não? Pela primeira vez, realmente achou que tinha descoberto seu dom, achou que estava cumprindo uma missão maior do que sua vida, maior do que...

– Então? – Ananiel pergunta.

João Pedro mira o teto, escuta o rangido rítmico do ventilador, que mal afasta o cheiro de bolor que sobe de algum lugar entre o banheiro e a madeira antiga do balcão. Como ele não viu os sinais, como achou que tudo aquilo era parte de sua provação? Toda noite, toda noite uma missão, quantas almas ele já não teria entregado para Gadreel, condenado ao inferno ou coisa pior? O que poderia ser pior? Mas havia anjos, os que não tinham caído, os bons, eles também estavam vendo, tinha certeza.

Uma brisa passa por ele. A brisa antes do amanhecer. O sol sairia logo, nos próximos minutos. Ele poderia ainda

salvar aquela alma, a alma de Maria. Levanta e caminha, de costas, passos lentos, para a entrada do bar. Sente o calor do anúncio da aurora.

– Posso ter um tempo pra pensar? Pra decidir? – João Pedro percebe que todos ali o seguem, que vão para a porta, para onde a luz do raiar do sol os atingiria.

– Que merda você está planejando? – Gadreel pergunta, a diversão bailando em sua voz.

– É muito pra decidir... e eu sou um bom... um bom... eu fiz um bom trabalho, não?

– Vai pedir um aumento? Por que você está mais para um estagiário... não tem como...

João Pedro sente o sol em suas costas. Gadreel, Ananiel e o barman urso logo à frente. João pula para o lado, deixando que os raios do sol atinjam em cheio aqueles... eles.

Os gritos ecoam pelo bar. João faz o sinal da cruz e reza a primeira oração de que lembra, a que rezava sempre antes de dormir, pedindo para Deus buscar sua alma. Os gritos reverberam pelas paredes, ecoam, e parecem diferentes, menos como gritos e mais como risadas, como aquelas que explodem quando alguém escorrega e cai na sua frente, ou quando seu amigo metido à besta é demitido bem depois de comprar um carro novo, ou quando... Não, pensa João Pedro, não deve ser nada bom achar normal rir de situações assim.

Um segundo, e João Pedro ainda tem tempo de pensar que poderia não ser tão ruim assim continuar trabalhando para aqueles dois, não se isso evitasse o fogo do inferno, ou o limbo, ou um turno no telemarketing.

Outro segundo, e não tem mais tempo algum.

Ananiel o arremessa novamente, e ele bate contra a parede atrás do balcão.

– Bernardo, você acaba de ganhar um assistente. E um bônus: se você mesmo costurar a boca dele, a gente libera a

sua por um século.

Com um murmúrio quase feliz, Bernardo pega uma caixa metálica e a arrasta para perto de João Pedro.

Gadreel balança sua cauda, como um gato enfurecido, fazendo oscilar a luz do sol que irradia.

– Humanos... Sol? Daqui a pouco vão usar alho... – Gadreel diz enquanto aguarda Ananiel. – Se você não tivesse aparecido, eu ia me sair muito bem dessa...

– Eu vim pela Maria. Era importante demais pra você estragar.

– Os primeiros... Essa baboseira não ia dar em nada. Agora, um estagiário... Tem ideia...

– E você acha que eu queria fazer isso? Perder tempo treinando um novo estagiário? Logo agora na última temporada de Game of Thrones? – Ananiel bufa.

Gadreel suspira e segue Ananiel para um buraco que acaba de se abrir no chão, logo em frente ao bar.

– Tomara que os dragões não morram... – Ananiel diz.

Gadreel estala as línguas contra os dentes.

– Tenha mais fé. Não tem como estragarem uma história tão boa.

Texto

Érica Bombardi mora em Campinas, SP, é escritora e trabalha como editora freelancer. Publicou os livros "Além do Deserto" e "Canto do Uirapuru". Você pode encontrá-los nas livrarias; e,como ebook, na Amazon. Se quiser adquirir algum livro impresso, pode também enviar um e-mail para enbombardi@gmail.com. Seu blogue é ericabombardi.wordpress.com

Ilustração

CAMILA DE OLIVEIRA É ARQUITETA E COLAGISTA. CRIADA EM RIBEIRÃO PRETO, NO INTERIOR DE SÃO PAULO, MORA NA CAPITAL DESDE QUANDO SE GRADUOU. COMEÇOU A DESENVOLVER OS PRIMEIROS TRABALHOS EM COLAGEM ANALÓGICA EM 2015, TENDO A SUA AVÓ COMO INSPIRAÇÃO (COLAGISTA DESPRETENSIOSA), E, DESDE ENTÃO, VAI SE DESENVOLVENDO NESSA ÁREA. O INSTAGRAM É @CAMI.OLIVGO.

Madrinhas e Padrinhos

Muito obrigado, de coração, pelo apadrinhamento. Essa edição só existe graças ao apoio destas incríveis pessoas:

Alexandre Felipe de Sousa, Alvaro Rodrigues, Amanda De Seixas Pina, Ana Rusche, anderson henrique gonçalves, Andrea Oliveira Alves, André Colabelli, Anne Demeneck, antonio farias, Ásbel Torres da Cunha, Bárbara de Lima Morais, Beatriz Ribeiro, Benjamin, Bruno Rauber, Caio Henrique Amaro, Caique Bernardes Leite Cesar, Camila Fernandes, Camilla, Cárlisson Galdino, Carlos Alejandro Rico Guevara, carlos calenti, Carlos Henrique de Magalhães, Carlos Rocha, Carolina Vidal Décio, Caroline Fronza, Catharino Pereira, Cesar Ricardo Tomaz da Silva, Clariana Castro, Claudia Du, Cláudia Fusco, Cleison Ferreira, Conrado de Lima, Cristina Pezel, Daniel Folador Rossi, Davi Ferreira Alves da Nóbrega, Diogo Luiz da Silva Ramos, Diogo Renan Simoes de Lima, Dyego Maas, Edgar Egawa, Eduardo Nunes, Eduardo Peret, Fabiana Ferraz, Fernanda Castro, Fernando Antonio Amaral Silva, Gabriele Gomes Diniz, Gustavo Melo Czekster, Hális Alves, Helton Lucinda Ribeiro, Iana Picchioni Araújo, Igor Mascarenhas, Janayna Pin, Janito Vaqueiro Ferreira Filho, Jan Santos, Jayne de Lima Oliveira, Jefferson Aldemir Nunes, Jessica Fernanda de Lima Borges, José Carlos Suárez da Rosa, Juliane Carolina Livramento, Kali de los Santos, Kyanja Lee, Liége Báccaro Toledo, Lucas Canabarro, Luiz Gabriel Pereira, Marcel Breton, Marcele Batista, Marcelo Baldini, Márcio Moreira dos Santos Filho, Maria Danielma dos Santos Reis, Mauricio Souza Junior, Mayara Barros, Melissa de Sá, Michel Peres, Nina O'Neill, Oghan N'Thanda, Ovídio Augusto Amoedo Machado, Patrícia Souza, Petronio De Tilio Neto, Priscilla Maria Villa Lhacer, Raphael Andrade, Renan Bernardo, Renan Santos, Ricardo De Moura Rivaldo, Ricardo Santos, Roberto de Sousa Causo, Rodrigo Chama, Rodrigo da Gama Bahia, Rodrigo Junqueira, Rodrigo Silva do Ó, Santiago Santos, Tais Assuncao, Talles Magalhães, Thais e Souza Labanca da Silva, Thiago Leite Cordeiro, Tiago de Oliveira Bizachi, vanessa guedes, Victor Bertazzo, Victor Gerhardt, Wendel Spargoli e Wilker Ribeiro.

TRASGO

FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTASIA

A Trasgo é uma iniciativa independente que busca trazer os melhores contos de ficção científica e fantasia nacionais ao público. Todo o conteúdo é acessível gratuitamente online.

Saiba mais sobre a Trasgo em

WWW.TRASGO.COM.BR